

SUBLIMA-DOR: CONSIDERAÇÕES SOBRE DOR E SUBLIMAÇÃO NOS LIMITES DO PULSIONAL

Priscila de Lima Catão

A sublimação pode ser definida como uma saída pulsional dotada de uma nobreza que lhe é peculiar e que remete a um ato de realização sublime, conforme o próprio termo indica. Se, num primeiro momento, as elevadas realizações culturais do humano foram atribuídas ao sublimar, modificando-se a finalidade sexual da pulsão para uma função social destinada ao bem-estar e ao equilíbrio, em outro tempo essa assertiva se confronta com o fato de que esta “saída” pode ser uma via perigosa para o sujeito. Tal percurso teórico de particular relevância possui íntima relação com a introdução do conceito de pulsão de morte, no que se configura a segunda teoria das pulsões. Enquanto antes a primazia do princípio do prazer, em contraponto com o princípio da realidade, era suficiente para explicar o funcionamento do aparelho psíquico, a observação clínica da pulsão de morte presentificada na compulsão à repetição impele um rearranjo radical na teoria das pulsões, e conseqüentemente, na teoria psicanalítica.

Assim sendo, a dor como conceito psicanalítico também faz seu tortuoso trajeto ao longo da obra freudiana, onde se apresenta das mais variadas formas, desde sua ligação com a dinâmica do trauma, revelando-se em seu caráter estruturante (fundante) e desestruturante (desorganizador), até ser referenciada como uma “pseudo-pulsão” (FREUD, 1996a., p. 51), alojada no isso das pulsões, e expressando seu maior grau de complexidade no masoquismo erógeno.

A abordagem econômica da dor, mais precisamente detalhada em *Projeto para uma psicologia científica* (FREUD, 1996b), expõe paradoxalmente seu aspecto traumático de destruição e estruturante de construção. Como excesso de excitações que invade os dispositivos protetores, está ligada a uma ruptura, um extravasamento desorganizador,

desestruturante da economia psíquica. Ao mesmo tempo, posicionar a experiência de dor em paralelo com a experiência de satisfação sugere que ambas, satisfação e dor, participem do processo inerente à construção do psiquismo. Afinal, “não há *Bahnung* sem um começo de dor” (DERRIDA, 1971 *apud* GARCIA-ROZA, 2004, p. 142). Desta forma, a dor é também marca inaugural do aparato psíquico, é inscrição que atua como estímulo pulsional contínuo, sendo inclusive comparável a uma “pseudo-pulsão” por Freud (1996c). No decurso da teoria psicanalítica, a dor mantém o seu caráter enigmático, e se complexifica no problema econômico do masoquismo. “O mais imperativo de todos os processos” (FREUD, 1996a.) p.359) se reatualiza como elemento fundante através da existência do masoquismo erógeno primário, constitutivo, e representante por excelência das pulsões amalgamadas, onde não há discriminação entre prazer e desprazer.

A inviabilidade de se pensar na pulsão de morte desvinculada da pulsão de vida instaura uma nova dinâmica em que a tentativa de conciliação entre as forças pulsionais Eros e Tânatos torna possível a vida. Desta maneira, o indivíduo encontra-se constantemente dividido por essas duas tendências paradoxais que, em fusões e desfusões do movimento pulsante, oferta elementos de vida e de morte, possíveis de representação ou passíveis de apresentação. A dor parece emergir desse circuito pulsional, entre as pulsões que se unem e se separam sem precisar seus limites. A dor surge, portanto, fazendo-se limite, ora prestando-se à ação silenciosa da pulsão de morte ao extravasar, persistir e insistir, ora enlaçando-se à vida ao tentar conter, bordejar, proteger. Ao mesmo tempo, como servo entre-dois, a dor se faz sem-limite, nos limites imensuráveis do pulsional.

O delicado campo sublimatório compartilha elementos deste traçado da dor. Particularmente difícil de ser definida, a sublimação é sem dúvida um destino pulsional, e, como tal, aproxima-se do que lhe é mais radical e mais primitivo, ou seja, do que é da pulsão. A respeito de sua visão estruturante, a sublimação, em parte, pouco se diferencia do recalque,

no que é descrita como uma transformação da meta da pulsão, que passa de sexual para não sexual, e como um desvio dos impulsos sexuais, que são direcionados para fins sociais, estabelecendo a harmonia dos conflitos internos e o equilíbrio entre o indivíduo e a civilização.

Entretanto, embora não haja necessariamente uma exata divisão conceitual, a ótica inaugurada pela nova economia pulsional certamente altera a posição teórica da sublimação. Ela passa a ser revelada em sua face desestruturante, onde a dessexualização, em última análise, acarreta uma defusão das pulsões e entrelaça o processo sublimatório com a pulsão de morte, que inevitavelmente se impõe e expõe o indivíduo aos perigos da intimidade com as intensidades pulsionais, em posição de afinidade com a angústia e a dor. O ato de sublimar incorre justamente em uma parcela de risco deste desligamento, onde não há garantias de proteção contra as ameaças do potencial agressivo e aniquilador de Tânatos. A sublimação "é uma saída, mas não é o abrigo" (JUHASZ, 1979 *apud* CARVALHO, 2006, p. 22).

A proximidade com o isso das pulsões coloca a sublimação em íntimo contato com a dor. Desse encontro, o sujeito é lançado num campo de possibilidades e impossibilidades cujo caminho é da ordem da imprevisibilidade e da indeterminação. No enlace e desenlace das pulsões, a pulsão de morte, tal como a dor, é imperativa, enquanto a pulsão de vida é perturbadora deste curso. A sublimação, nesse entre-dois, parece impelir o sujeito a lidar mais diretamente com a pulsão de morte, a trabalhar em torno do vazio, a buscar um rearranjo de sentidos em vias da criação de algo inteiramente novo somente possível devido a essa aproximação com o inominável.

Em *Limites da sublimação na criação literária*, Carvalho (2006) fala sobre a função da escrita como sublimação na "poética do suicídio" (2006, p. 22) abordando questões sobre a morte trágica de escritores ocorrida justo no período de intensa produção literária, e

constatando a fragilidade do trabalho sublimatório como fonte de transformação, prazer e organização dos conflitos psíquicos. Para além de uma escrita de contenção, o fracasso em torno do impossível de se dizer revelaria os limites da sublimação, que propicia a intimidade com as turbulências do campo pulsional sem necessariamente proteger dos seus efeitos destrutivos.

Entretanto, essa insuficiência perante o irrepresentável não parece tratar-se propriamente de um limite *da sublimação*, mas sim de um limite que é próprio do simbólico. Embora exista um universo inesgotável de recursos significantes, há um ponto de inassimilável, que faz menção à pulsão de morte, a esse silêncio de real. Já a sublimação, tal como a dor, parece ser um sem-limite que permeia as pulsões amalgamadas e emerge no trajeto entre a dor do impossível e a nostalgia de um enodamento simbólico possível. Desse caminho sem garantias, a ineficiência do simbólico ante a proximidade com o real é o risco que se corre e o preço que se paga – se próximo demais, pagando-se com a “libra de carne” (LACAN, 1997, p. 386).

O sublima-dor percorre a trama da ordem pulsional em que o efeito é o da indiscriminação, muitas vezes evidenciado pelo destino psíquico indeterminado, ou mesmo pela indistinção entre a obra e o criador, ou seja, entre o objeto-efeito da sublimação e aquele que sublima. Tal caminho incalculável vem marcar, sobretudo, o paradoxo dos elementos, que carregam as diversas possibilidades de representações ao passo que invariavelmente se dirigem para o irrepresentável. Esta observação é facilmente associável às formas culturais do belo que visam manter um distanciamento do potencial destrutivo fundamental do humano. O belo que demarca um limite ante o horror não pode senão configurar-se como um anteparo, uma tentativa de representação que recobre o inomeável. Se há beleza no objeto-efeito da sublimação, ela reside nesse fascínio que, ao que captura, também aponta para um

limite. “O belo une e separa as pulsões de vida e as pulsões de morte deixando entrever esse amálgama entre Eros e Tânatos” (CRUXÊN, 2004, p. 58).

O recurso do belo apreensível na escrita com função de sublimação parece representar bem o enlace sublima-dor. Para concluir, o texto a seguir traz um jogo simbólico que vem abrigar a dor e a sublimação através das palavras-limite, verdadeiros “véus que recobrem o sem-face da pulsão de morte” (CRUXÊN, 2004, p. 59). Em função dos desejos transgressivos das palavras, o texto passa a ter uma significação outra, e o rearranjo dos sentidos vem revelar, em uma segunda leitura, a obscuridade oculta em toda escrita.

Revolução das letras

Papel quis ser desencontro, viveiro transformou-se em silêncio. Abismo fez as vezes da luz, uma vez que vez cismou em ser morte. Ruas transfiguraram-se em letras, casas optaram por ser restos. Portões viraram buracos, e cores se firmaram como vazios. Certo decidi ser cego. Escrita insistiu em ser dor. Abrigado se fez perdido. Caminho tomou o lugar da beleza. Nada substituiu o sonho. Fiel acabou sendo cruel. O amor fugiu e foi ser tempo. Enciumado, o tempo converteu-se em amor.

Assim sendo...

Era uma vez...

Um viveiro de palavras

Um distraído papel e...

Luz!

Por entre as ruas

Casas se espalham

Abrem seus portões

Criam cores infindas

Revelam o ponto certo
De um espaço abrigado
Na beleza entre o dito
E o que há de ser dito.

Nesse espaço
Surge ela.
É a escrita que vem
Essa escrita que não cala
Que gravita o sonho
No fiel tempo inexato do amor. (CATÃO, inédito)

BIBLIOGRAFIA

CARVALHO, Ana Cecília. Limites da sublimação na criação literária In: **Estudos de psicanálise**, Rio de Janeiro, n. 29, p. 15 -24, set. 2006

CASTIEL, Sissi Vigil. **Sublimação: clínica e metapsicologia**. Rio de Janeiro: Escuta, 2007

CATÃO, P. de Lima. Revolução das letras. Inédito.

CRUXÊN, Orlando. **A sublimação**. Psicanálise passo a passo. n 51. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004

DUTRA, Vera Lucia. O conceito de sublimação à luz de uma perspectiva da feminilidade. In: BIRMAN, Joel (Org.). **Feminilidades**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2002.

FREUD, Sigmund. O problema econômico do masoquismo In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1996.a

_____. Projeto para uma psicologia científica In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 1. Rio de Janeiro: Imago, 1996b.

_____. Sobre o narcisismo: uma introdução In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1996.c

_____. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 7. Rio de Janeiro: Imago, 1996d.

_____. Escritores criativos e devaneio In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 9. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. Moral sexual “civilizada” e doença nervosa moderna In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 11. Rio de Janeiro: Imago, 1996e.

_____. Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 11. Rio de Janeiro: Imago, 1996f.

_____. Os instintos e suas vicissitudes In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1996g.

_____. Repressão In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1996h.

_____. Além do princípio de prazer In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 18. Rio de Janeiro: Imago, 1996i.

_____. O ego e o id In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1996j.

_____. Inibições, sintomas e ansiedade In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 20. Rio de Janeiro: Imago, 1996k.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Sobre as afasias (1891); O Projeto de 1895**. Introdução à metapsicologia freudiana, v.1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 7: A ética da psicanálise**. Trad. Antonio Quinet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

SOBRE A AUTORA

Priscila de Lima Catão. Psicanalista em formação pelo Círculo Psicanalítico de Minas Gerais.